

Balanço do Ano Sacerdotal: “Fiéis e renovados por dentro”

Numa entrevista concedida recentemente a uma revista espanhola, D. Javier Echevarría destaca a herança do Ano Sacerdotal: uma profunda renovação pessoal dos sacerdotes. E sublinha que um dos primeiros deveres do presbítero é ajudar os seus irmãos clérigos a serem fiéis ministros do Senhor.

11/07/2010

No dia 11 de Junho, o Santo Padre encerrou o Ano Sacerdotal, num encontro com sacerdotes de todo o mundo. Em conversa com a revista PALABRA, D. Javier Echevarría faz um balanço destes meses. Refere-se aos aspectos principais da vida dos sacerdotes, centrando a atenção na acção de Cristo por meio deles. As suas respostas abordam também outros temas, como o fomento das vocações, a comunicação na Igreja, as Jornadas Mundiais da Juventude, a santidade de João Paulo II e outros.

Está quase a terminar o Ano sacerdotal que o Santo Padre convocou no aniversário da morte do Santo Cura d'Ars. Já que a Igreja o propõe como modelo aos sacerdotes, que aspectos

destacaria na vida de São João Maria Vianney?

A sua humildade, a sua piedade, o seu espírito alegre na penitência, etc., etc. E penso que o aspecto mais importante da vida do Santo Cura d'Ars é a sua completa dedicação ao ministério. Precisamente por isso, no final do Ano sacerdotal, Bento XVI proclamá-lo-á padroeiro de todos os sacerdotes (dos confessores já o era há algum tempo).

A figura de São João Maria Vianney é um forte apelo a que sejamos sacerdotes, só sacerdotes: pelo bem das almas, temos que estar dispostos a deixar de lado tudo o que possa estorvar, ainda que seja uma coisa pequena, o serviço pastoral. Com uma frase gráfica, um pastor santo da nossa época – São Josemaría Escrivá de Balaguer – costumava repetir que temos que ser sacerdotes a cem por cento.

O trabalho dos sacerdotes encontra muitos pontos de apoio: por exemplo, a inclinação de muitos jovens para participar em actividades de voluntariado, ou a disposição favorável de muitas pessoas. Mas, por vezes, encontra também motivos de desilusão e resistências: ignorância religiosa, mentalidade secularista, incompreensões, etc. Apesar de tudo, podem os sacerdotes hoje trabalhar com confiança?

Não só podemos, mas devemos trabalhar sacerdotalmente com optimismo e confiança. Basta ter presente que a eficácia do ministério não provém de nós – da nossa preparação, das nossas qualidades, etc., embora tenhamos de cuidar de tudo isso para ser melhores instrumentos – mas da acção de Cristo em cada um e por intermédio de cada um. Ao mesmo tempo, temos que nos esforçar para fazer

desaparecer essas resistências,
difundindo a verdade com caridade.

A vida sacerdotal gira, em grande medida, em torno da liturgia. O seu momento cimeiro é a celebração da Eucaristia, sobretudo ao Domingo. Poderia fazer algumas recomendações concretas aos sacerdotes, para fomentar uma celebração cheia de frutos?

O sacrifício eucarístico constitui, numa frase do Concílio Vaticano II, o *“centro e raiz de toda a vida do presbítero”* (*Presbyterorum Ordinis*, 14). Para que essa aspiração se converta em realidade, costuma ser eficaz preparar a Missa a partir da noite anterior à celebração eucarística, com actos de amor a Jesus Sacramentado, com comunhões espirituais, com desejos de O acompanhar no tabernáculo; e prolongar depois a acção de graças

pelo Santo Sacrifício durante o dia. Foi o que vi na vida do Fundador do Opus Dei, que era um sacerdote apaixonado por Jesus Cristo. É especialmente útil, para uma celebração plena de frutos, meditar com frequência os textos e as rubricas litúrgicas, para aprofundar o seu sentido. Em qualquer caso, temos de fomentar a fome e a sede de emprestar a Cristo o nosso ser na actualização sacramental do Sacrifício do Calvário. **O que é que torna eficaz a pregação? Poderia indicar alguma experiência particular relativa ao modo de a preparar?**

Há muitas formas de preparar a pregação. Como explicou o Sínodo sobre a Eucaristia, a homilia tem uma finalidade catequética e exortativa (cfr. *Sacrosanctum Concilium*, n. 46), e não deve confundir-se com uma conferência, uma aula, etc. Tem de ser fruto do

convívio pessoal do sacerdote com o Senhor. Sem vida interior, sem piedade, de pouco valem as palavras persuasivas. Santo Agostinho aconselha que o pregador, ao falar, faça o que estiver ao seu alcance para ser escutado com gosto e docilidade. *“Mas não duvide – acrescenta – “de que se consegue algo, e na medida em que o consegue, é mais pela piedade das suas orações do que pelos seus dotes de oratória. Portanto, orando por aqueles a quem há-de falar, seja mais varão de oração do que de grandes discursos” (De Doutrina cristã 4, 15, 32).* Parece-me um conselho plenamente actual.

Na sua intervenção no Sínodo dos Bispos sobre a Eucaristia referiu-se às celebrações. Qual é a sua experiência? Podem preparar-se de modo que facilitem a participação piedosa de todos os celebrantes, ainda que sejam muitos?

No Sínodo fui porta-voz de uma experiência comum: em não poucos casos, as concelebrações – sobretudo, se há um grande número de concelebrantes – dificultam a piedade do sacerdote, quer durante a celebração eucarística, quer na necessária preparação pessoal. Nessas concelebrações multitudinárias é fácil que se dilua o sentido de adoração próprio do mistério eucarístico, também porque proporcionam muitas ocasiões de distração.

Bento XVI fez referência a estas dificuldades na Exortação apostólica post-sinodal *Sacramentum caritatis*, e recordou que esse tipo de concelebrações há-de ter carácter excepcional, ao mesmo tempo que propiciava o estudo dos modos adequados para assegurar o decoro na liturgia e salvaguardar a participação plena e real dos sacerdotes e dos fiéis na celebração

(cfr. SC 61), com a necessária ordem e distinção de funções próprias de cada um.

Um tesouro do sacerdócio é a administração do perdão divino no sacramento da Penitência. O Senhor disse recentemente que não existe propriamente uma crise da confissão, mas que, em todo o caso, seria mais acertado falar de uma crise de confessores. A que se referia?

Não é uma frase minha, mas uma afirmação que vêm fazendo os Romanos Pontífices desde Paulo VI a Bento XVI. Também neste aspecto a experiência o confirma. Conheço inumeráveis casos em que a administração do sacramento da Reconciliação na sua forma habitual recebeu um grande impulso, pelo simples facto de se dispor nas igrejas de confessores com horários claros e em momentos favoráveis para os

fiéis. Recordo, por exemplo, que durante o Ano Santo de 2000, em Roma, pudemos contemplar uma “redescoberta” da Confissão entre todo o tipo de pessoas, especialmente jovens, porque se cuidou deste ponto com esmero.

O exemplo do Cura d’Ars é eloquente. Um sacerdote com cura de almas não fica tranquilo se não dedica todo o tempo necessário a este ministério, se não ama o confessional e não espera nessa sede as almas. E os outros – penso nos que trabalham nos gabinetes das cúrias, no ensino, etc.- podem também ajudar neste trabalho pastoral tão importante, retirando algum tempo para atender o sacramento da Penitência nos dias de festa, nos fins de semana, etc.

A ignorância em matéria religiosa é patente em muitos lugares. Que importância tem o trabalho

catequético e formativo? Como conjugá-lo com as restantes ocupações do sacerdote?

Dar formação aos fiéis é de capital importância e, no momento actual, absolutamente necessário.

Anteriormente, em muitos lugares, a educação no seio da família e nas escolas garantia que as crianças conhecessem as verdades básicas da nossa fé, as orações fundamentais do cristão, a diferença entre o bem e o mal. Agora, em muitos países, já assim não sucede e é preciso suprir esse vazio com um empenho maior por parte dos sacerdotes, especialmente se têm confiada a cura de almas em paróquias, capelanias, associações, etc.

Se não nos empenharmos em formar as jovens gerações na fé e na moral de Cristo, tudo o resto que levemos a cabo, sendo bom, será insuficiente. A instrução religiosa é uma tarefa que

o sacerdote não pode delegar, embora, naturalmente, possa e deva procurar colaboradores. Que grande trabalho realizaram e realizam as catequese em tantos lugares!

O modo de conjugar esta maior dedicação com as restantes actividades sacerdotais dependerá de cada caso concreto. Muitas vezes bastará organizar bem as aulas de preparação para a primeira Comunhão, para a Confirmação, para o Matrimónio, indo ao que é verdadeiramente essencial. Também pode ser útil ter um programa para desenvolver nas homilias dominicais, com o objectivo de explicar os temas fundamentais da fé, da moral e da liturgia, seguindo o Catecismo da Igreja Católica, como aconselhou a Assembleia do Sínodo dos Bispos sobre a Eucaristia (cfr. SC 46).

A Escritura diz que o irmão ajudado por outro é como uma

“cidade amuralhada”. São Josemaría Escrivá de Balaguer, o Fundador do Opus Dei, costumava utilizar essa expressão. Poderia falar da fraternidade entre os sacerdotes e da união de cada um com o Bispo?

Devemos partir do facto de que todos somos débeis. São Josemaria ilustrava o sentido da fraternidade sacerdotal – e, mais em geral, da fraternidade cristã – com uma imagem da vida corrente. Todos recordamos os castelos de cartas que, talvez, construíssemos na nossa infância. O Fundador do Opus Dei salientava que os cristãos, apoiando-se uns nos outros pela caridade, estão em condições de levantar esses castelos. *“A vossa fraqueza mútua” – escrevia – “é também apoio que vos mantém direitos no cumprimento do dever, se viveis a vossa bendita fraternidade: como mutuamente se*

sustêm, apoiando-se, as cartas de jogar.” (Caminho, 462).

Assim como o primeiro dever dos Bispos se traduz em cuidar dos seus sacerdotes, do mesmo modo um dos primeiros deveres dos sacerdotes concretiza-se em ajudar os seus irmãos clérigos a serem fiéis ministros do Senhor. Para o conseguir, é necessário que rezemos uns pelos outros, não deixar nenhum sozinho nas suas necessidades espirituais ou materiais, visitar os doentes, oferecer-se com alegria para ajudar o que leva uma excessiva carga de trabalho, etc. Neste sentido, a Igreja recomenda as associações sacerdotais aprovadas pela legítima Autoridade com a finalidade de oferecer essa atenção aos diáconos e presbíteros.

No que se refere à união de cada sacerdote com o seu Bispo, bastaria recordar que o presbiterado, pela sua

própria natureza – como ensinou o Concílio Vaticano II – existe para colaborar com o episcopado em tudo o que diz respeito à missão sacerdotal (LG 28, PO 4). Por outro lado, é muito importante a união com o próprio Bispo; uma união que não há-de ser apenas de subordinação hierárquica, não apenas efectiva, mas também afectiva e que juntamente com a obediência e disponibilidade ministerial, leve a que cada sacerdote tenha o seu Bispo muito presente na sua oração e no seu sacrifício.

O que fazer para despertar novas e abundantes vocações sacerdotais?

O mais importante, como sempre, é rezar ao Dono da messe. Mas rezar a sério, sem se cansar, todos os dias, explicando aos outros fiéis da Igreja que compete a todos o dever de promover vocações para o

sacerdócio. A seguir, em simultâneo, examinar que acções concretas se podem empreender, para descobrir e fomentar a chamada de Deus entre os jovens. Não seria bom descarregar essa responsabilidade exclusivamente no responsável ou responsáveis da pastoral vocacional nas Dioceses: todos temos que nos sentir responsáveis por deixar pelo menos um sucessor, que ocupe o nosso lugar quando formos velhos ou o Senhor nos chame à Sua presença.

Bastantes sacerdotes sabem por experiência pessoal que é muito eficaz dedicar uma atenção especial aos acólitos e a outros rapazes que colaboram nas paróquias, transmitindo-lhes detalhes de piedade eucarística, ensinando-os a rezar, a servir os outros, etc. O mesmo se pode dizer dos professores de religião, que podem descobrir, entre os alunos, os que manifestem as qualidades humanas convenientes

para que o Senhor semeie neles a vocação sacerdotal. E o confessional é um lugar privilegiado para a direcção espiritual e para acompanhar os que manifestem possuir condições para o sacerdócio.

O Senhor preside à Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz, que está intrinsecamente unida à Prelatura do Opus Dei. Como trabalha esta associação de sacerdotes?

Favorecendo em todo o momento a plena comunhão de cada um com o Bispo e com o presbitério da Diocese. Os sócios da Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz procuram viver o espírito do Opus Dei e assim procurar a própria santificação no exercício do seu ministério e no âmbito secular próprio da sua vocação. Para isso, disponibilizam-se-lhes – como também a muitos outros sacerdotes que o desejam – os meios para que

melhorem a sua formação doutrinal, ascética e espiritual, mediante reuniões periódicas, acompanhamento pessoal, cursos de formação permanente, etc.

Como Prelado do Opus Dei, coube-lhe suceder – depois de D. Álvaro del Portillo, cuja fama de santidade é notória – a São Josemaria, à frente da Obra. Que aspecto da sua vida destacaria neste ano?

Quer São Josemaria quer o seu primeiro sucessor, o Servo de Deus D. Álvaro del Portillo, foram sacerdotes a cem por cento. Na situação pessoal em que Deus os tinha colocado, entregaram-se ao cumprimento da missão recebida e levaram-na a cabo com exemplar fidelidade e com intensa caridade pastoral. Em ambos destacava um amor apaixonado à Eucaristia, manifestado em muitos detalhes

concretos, e um afã de almas que os impelia a esquecerem-se constantemente de si próprios para pensar apenas no bem dos outros. Não me detenho a referir pormenores concretos, que ultrapassariam os limites desta entrevista e podem encontrar-se nas biografias publicadas.

Parece que está próximo o momento da beatificação do Venerável Servo de Deus João Paulo II. Que recordações conserva da figura sacerdotal e da personalidade do Papa anterior? Poderia referir-nos algum acontecimento dos seus encontros com o Papa Wojtyla?

Foi um sacerdote santo e um servidor incansável da Igreja, preocupado exclusivamente com o bem das almas. Todos esperamos com muito entusiasmo o momento da sua elevação aos altares, porque

implicará um grande bem para o mundo inteiro.

Conservo muito gravado na minha memória um episódio em que fica patente a entrega generosa de João Paulo II à sua missão como sucessor de São Pedro. Numa ocasião, acompanhei D. Álvaro del Portillo ao Apartamento Pontifício. Era uma hora avançada da tarde. Enquanto esperávamos a chegada do Papa, ouvimos uns passos que se aproximavam por um corredor, como que a arrastar os pés. Era o Santo Padre; via-se que estava muito cansado. D. Álvaro, impulsionado pelo seu carinho filial, exclamou: *“Santidade, como está cansado!”*. O Papa olhou-o e, com voz firme, respondeu-lhe: *“Se a estas horas não estivesse cansado, seria sinal de que não tinha cumprido o meu dever”*.

Além disso, não posso esquecer que João Paulo II foi o instrumento de

que o Senhor se serviu para canonizar São Josemaria, assinalando-o como modelo para toda a Igreja, e para outorgar ao Opus Dei a sua configuração jurídica definitiva, em plena fidelidade ao carisma fundacional, como prelatura pessoal, organicamente estruturada pelo Prelado, o presbitério e os fiéis leigos. Também por isso lhe estamos muito agradecidos.

Há 25 anos começaram as Jornadas Mundiais da Juventude. Aproxima-se a de 2011, que será em Madrid. Como valoriza estes encontros e que inovações se poderiam incorporar, para que os seus frutos sejam mais abundantes?

Os frutos espirituais destas jornadas estão patentes aos olhos de todos. Não me compete sugerir inovações. O que faço, sim, é rezar – agora, pela Jornada Mundial que terá lugar em Madrid – e animar os fiéis e

cooperadores da Prelatura a rezar e a colaborar pessoalmente na realização deste evento, na medida em que cada um possa, para que seja um momento de graça na Igreja, que – como afirmou Bento XVI no início do seu Pontificado – é sempre jovem e bela e que nos jovens se faz missionária do futuro.

Face a algumas notícias tristes recentes, há quem volte de novo a questionar o celibato. Contudo, esta pode ser uma boa ocasião para voltar a expor os motivos em que se baseia o celibato sacerdotal e os frutos que dele se esperam.

Existem estudos científicos sérios – alguns realizados também por especialistas não católicos – que demonstram que a disciplina sobre o celibato sacerdotal nada tem que ver com esses lamentáveis casos que se ventilaram recentemente. Mais ainda, quando se vive como o que é –

um dom divino – por amor a Deus e a todos os homens (ainda que nalgumas ocasiões haja que lutar para o conservar fielmente), o celibato situa o sacerdote nas antípodas desses comportamentos aberrantes.

Sim, no momento actual pode ser particularmente oportuno retomar e aprofundar os motivos – que não são de simples conveniência prática – que relacionam estreitamente o sacerdócio e o celibato, um duplo e grandioso dom de Deus.

São numerosas as demonstrações de afecto que o Santo Padre recebeu, em desagravo pelos ataques que lhe dirigiram. Para além do actual momento, como podem os sacerdotes viver a unidade com o Papa e fomentá-la entre os fiéis?

A melhor forma de apoiar o Santo Padre, nesta como noutras

circunstâncias, resume-se a rezar e a fazer rezar pela sua Pessoa e pelas suas intenções; ler, meditar, difundir e pôr em prática os seus ensinamentos; e encomendar também ao Senhor os seus colaboradores no governo da Igreja, para que seja muito eficaz o seu serviço à missão universal do Romano Pontífice.

Parece indubitável que o ingente trabalho da Igreja nem sempre é suficientemente conhecido e compreendido. O que é preciso fazer nesse terreno?

Além de rezar – perdoe-me a minha insistência neste ponto, mas a oração feita com fé é fundamental – seria oportuno que a nível de Conferência episcopal e, inclusive de cada Diocese, se cuidasse da preparação de profissionais competentes nos meios de comunicação. Não basta a “boa vontade” para informar

adequadamente sobre a Igreja; é preciso incorporar os modos e os tempos da comunicação institucional, da gestão de crises, etc., que são especialmente necessários no contexto da globalização característico da sociedade actual. A este propósito, alegro-me ao comprovar que estão a ter grande aceitação os cursos da Faculdade de Comunicação Institucional da Pontifícia Universidade da Santa Cruz, dirigidos especificamente a pessoas que se ocupam da comunicação institucional nos gabinetes de imprensa de Dioceses, Conferências episcopais e outras instituições da Igreja.

Uma vez terminado o Ano sacerdotal, o que deve permanecer desta celebração?

Nos sacerdotes, uma profunda renovação pessoal, caracterizada por concretas e diárias conversões

interiores, orientadas para viver com uma fidelidade mais afinada no ministério, um amor maior e diário à celebração da Eucaristia e à administração do Sacramento da penitência. E nos outros fiéis, a tomada de consciência – não apenas com palavras, mas com actos – de que todos somos Igreja. O futuro depende também deles: da forma como cumprem os seus deveres cristãos; da forma como rezam pelo Papa, pelos Bispos e pelos sacerdotes; da forma como educam os seus filhos; do modo como exercitam a sua alma sacerdotal também no trabalho, no descanso; do modo como pedem ao Senhor que envie muitos e santos trabalhadores para a Sua Vinha.

Revista Palavra.- Alfonso Riobó

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/balanco-do-
ano-sacerdotal-fieis-e-renovados-por-
dentro/](https://opusdei.org/pt-pt/article/balanco-do-ano-sacerdotal-fieis-e-renovados-por-dentro/) (11/02/2026)